

RUY FABIANO

Ponto de Vista

A fala de Sarney

Há algumas regras não escritas em política que costumam funcionar com muito maior precisão que aquelas expressas em códigos. Uma delas é a de que ex-presidentes — seja pelo conhecimento prático que têm das agruras do cargo, seja pela cautela inerente aos que têm telhado de vidro — devem evitar críticas precoces ao sucessor. O presidente hoje em baixa, amanhã, por caprichos do destino, reverte o quadro e vira herói nacional. E inevitavelmente dará o troco. Não convém, pois, precipitações.

Esse preceito, particularmente, não foi rompido nem pelos generais-presidentes. O general Figueiredo, por exemplo, que sequer deu posse a Sarney, só se dispôs a criticá-lo publicamente já no final do governo. Antes, preferiu o silêncio obsequioso, uma mistura de crédito ao recém-chegado e de cautela pessoal.

De um modo geral, é a partir do último ano, no máximo no penúltimo, que as críticas começam. As chances de reação do criticado são reduzidas: não há perspectiva histórica de sua obra e o julgamento emocional dos interesses contrariados predomina. Em resumo, um dos sinais mais claros de que um governo chega ao fim é quando entre seus mais ostensivos críticos está o Presidente da República que o precedeu. E é justamente isso que acaba de acontecer. O ex-presidente Sarney, em conversa informal com jornalistas, despojou-se de cautelas verbais e desancou o governo Collor.

Disse, em síntese, que o Governo está fora de rota. Pior: perdeu a rota. E mencionou desconhecidas prontidões militares que teriam ocorrido recentemente, em face da crise. Criticou as políticas interna e externa e não resistiu a uma avaliação comparativa com seu Governo, que, neste momento, o favorece. A rigor, não escapou um único setor. Em bem verdade que o ex-presidente falou *off the records* — isto é, na presunção de que não seria publicado. Isso, porém, do ponto de vista do que aqui se analisa, é secundário. O que importa prioritariamente não é sequer a contundência da crítica, mas exatamente a ocasião em que é feita.

O governo Collor, convém lembrar, tem apenas um ano e meio de existência. Não cumpriu sequer um terço de seu mandato. Está, pois, apenas começando. E, no entanto, já recebe tratamento de defunto político. Não é episódio intranscendente, especialmente se se levar em conta o perfil do político José Sarney, um fervoroso cultor das clássicas regras não-escritas da política, particularmente as que tratam da prudência. Se, ao contrário, se tratasse de alguém dado a extravagâncias analíticas ou a destemperos verbais — como, de certa forma, acontecia com seu antecessor, o general Figueiredo —, o fato não chamaria tanto a atenção. Mas, partindo do cautelossíssimo Sarney, é mais um sinal a indicar a senilidade precoce do atual Governo.

Que ele acabou, nos termos em que foi concebido e estruturado em seus dias iniciais, não há dúvida. Isso, entretanto, não significa que não tenha mais chances de recomeçar. Tem. Basta que o presidente queira fazê-lo, o que exige que busque nova sustentação política e novo programa. E, fundamentalmente, que se disponha a compartilhar o poder. Isso exige modéstia e sabedoria.